

FORMAÇÃO DE IDENTIDADE ATRAVÉS DAS
“REENCARNAÇÕES” DA MULHER ENQUANTO SUJEITO
PÓS-COLONIAL EM *JASMINE*, DE BHARATI MUKHERJEE¹

LUIZ MANOEL DA SILVA OLIVEIRA

I am an instrument in the shape
Of a woman trying to translate pulsations
Into images for the relief of the body
And the reconstruction of
*Adrienne Rich*²

Em meio ao crescente universo de obras literárias produzidas por mulheres escritoras na área das literaturas em língua inglesa de cunho pós-colonial destaca-se o romance *Jasmine*, de Bharati Mukherjee. Nascida na milenar Índia, mais precisamente em Calcutá, Bharati Mukherjee iniciou seus estudos em sua terra natal, completando sua formação acadêmica na Europa e nos Estados Unidos. Recebeu os seus graus de mestrado e doutorado em Artes, na Universidade de Iowa, tornando-se autora de três romances, duas coletâneas de contos, e duas outras obras não-ficcionais. Na área acadêmica, trabalhou como professora de redação criativa nas Universidades de Colúmbia e de Nova Iorque, além de ter sido nomeada Professora Honorária da Universidade da Califórnia, em Berkeley.

Atenta à situação de exclusão e marginalidade da mulher num país de costumes, tradições e estrutura social e religiosa tão extremamente peculiares como a Índia, Bharati Mukherjee nos presenteia com uma verdadeira obra-prima literária de apurado tom pós-moderno e portadora das mais ricas caracterizações da mulher enquanto sujeito pós-colonial. A personalidade ou “encarnação” dessa protagonista feminina empresta *um* dos seus vários nomes ao romance – Jasmine. Ela sai da Índia, iniciando sua trágica diáspora não rumo à Inglaterra, a ex-metrópole do seu país, mas pelos Estados Unidos, o grande ícone de nação neocolonialista contemporânea.

¹ As referências e citações de Bharati Mukherjee, S. Chatman, Rimmon-kenan, Homi Bhabha e Gayatri Spivak foram traduzidas por mim para o português, a partir das obras originais relacionadas nas referências bibliográficas.

² Fragmento de um poema de Adrienne Rich, constante no seu livro *Platinum*, conforme nos refere BAYM: 1994, p. 2703.

Tal processo diaspórico se dá, aparentemente, por vontade e opção de Jasmine; mas, de fato, forças mais poderosas estão em ação para tornar compulsório o seu périplo e a sua abrupta inserção na “terra da liberdade e da oportunidade”, na condição de imigrante ilegal. Pode-se dizer que Bharati Mukherjee verdadeiramente brinca com as forças do destino, representadas, no texto, pelas previsões astrológicas, superstições, idéias e conceitos religiosos hindus, tais como a crença na reencarnação, para conferir a essas múltiplas personalidades/existências/“reencarnações” a dose de fragmentação necessária à caracterização da sua protagonista, enquanto sujeito pós-colonial feminino. A talentosa manipulação desses conceitos por parte da autora produz um efeito que, mesclado à descrição fria e contundente das agruras e percalços extremos experimentados por Jasmine, acaba compondo uma fase importante da longa trajetória dessa mulher, que se vê obrigada a lidar com problemas de adaptação e assimilação culturais, perdas, morte, humilhação, estupro e muita dor, como fases inalienáveis do processo metamórfico dinâmico que as circunstâncias lhe impõem.

Ela se vê assumindo novas personalidades, com vidas, nomes e maridos diferentes, como se estivéssemos a lidar com várias personalidades distintas, ou diversas “reencarnações” da mesma mulher. Todavia, o que ocorre é que, de fato, nos defrontamos com uma personagem ficcional extremamente rica e multifacetada, que é parte de um romance dos mais bem elaborados, no que diz respeito ao emprego de algumas técnicas narrativas pós-modernas. Tudo isso proporciona ao leitor, de início, desconforto e perplexidade, dada a quase total falta de linearidade na estrutura narrativa. São marcantes as mudanças abruptas de foco narrativo; as evocações de cenas e personagens que somente serão mencionadas e explicadas em momentos bem posteriores da narrativa; a utilização de frases e períodos curtos, como se fossem parte de mensagens telegráficas; a fragmentação da identidade da protagonista; e as abundantes referências à astrologia, reencarnação e divindades do panteão hindu; tudo isso feito com um misto de reverência, ceticismo e ironia.

No entanto, o leitor que desbravar essa série de “obstáculos” e se adequar aos “desconfortos” de uma narrativa não convencional como *Jasmine* será agraciado com uma das leituras mais prazerosas e, ao mesmo tempo, lúcidas, no trato da representação literária da questão da formação da auto-imagem e da identidade do sujeito pós-colonial feminino.

Jasmine é um romance composto de vinte e seis capítulos desprovidos de títulos, cuja variação de tamanho vai de duas a vinte e uma páginas, aproximadamente, no original em inglês. A narrativa é firmemente conduzida em primeira pessoa por Jane Ripplemeyer, uma das personalidades, ou encarnações, da protagonista da história. Porém, isso não impede que ocorram momentos em que se tem dúvida quanto a se a narrativa está totalmente sendo conduzida por Jane ou por alguma das outras personalidades da protagonista - Jyoti, Jasmine, Jazzy ou Jase. As seguintes idéias de Rimmon-Kenan, em artigo em que discorre sobre o foco narrativo, oferece-nos um pouco de alento e justificativa para a complexa tessitura narrativa de *Jasmine*:

A história é apresentada no texto através da mediação de algum "prisma", "perspectiva", "ângulo de visão", verbalizado pelo narrador, mas não provindo necessariamente dele mesmo. De acordo Genette (1972), eu nomeio essa mediação de "focalização". (...) Obviamente, a pessoa (e, por analogia, o agente narrativo) é capaz de falar e ver, e, até mesmo, de fazer as duas coisas simultaneamente - uma situação que favorece a confusão entre as duas atividades. (...) Porém, uma pessoa (e, por analogia, um agente narrativo) também é capaz de ter sucesso em contar, narrar, o que um outro indivíduo vê ou viu. Isto posto, falar e ver, narração e focalização, podem ser ou não atribuídos ao mesmo agente. (RIMMON-KENAN, 1983: p. 46.)

Ainda sobre a quase que absoluta falta de linearidade de que o romance é caracterizado, percebe-se que a técnica que Bharati Mukherjee emprega é a da utilização de muitos "flashbacks" e de algumas evocações de eventos e episódios narrativos futuros, o que encontra respaldo nas seguintes palavras de Chatman:

Genette faz distinção entre seqüência normal, em que a história e o discurso têm a mesma ordem (1 - 2 - 3 - 4), e seqüência "anacrônica". E a anacronia pode ser de duas naturezas: "flashback" (*analepse*), em que o discurso rompe com o fluxo normal da narrativa para evocar episódios anteriores (2 - 1 - 3 - 4), e o "flashforward" (*prolepse*), em que o discurso dá saltos para frente, em direção a eventos posteriores aos eventos narrativos intermediários. (CHATMAN, 1978: p. 46.)

A investida que Bharati Mukherjee desfere contra a linearidade dos episódios apresentados no romance acaba se tornando um complicador não só para a perfeita recepção e leitura do texto literário por parte do

leitor, conforme já foi abordado, mas também por se associar à questão das múltiplas personalidades da protagonista feminina. Como resultado, temos um emaranhado de idéias, noções, conceitos e referências, que, uma vez bem trabalhados pelo leitor atento, vai propiciar que vislumbre a nova imagem de mulher pós-colonial em formação que Bharati Mukherjee vai lentamente construindo. Contudo, enxergar esse processo metamórfico não é tarefa simples, como veremos a seguir.

A primeira das personalidades abordadas é Jyoti, uma garota pobre e humilde de Hasnapur, um vilarejo sombrio do interior da Índia. Jyoti é praticamente uma *tabula rasa* sobre a qual Mukherjee vai gradativamente moldar as outras personalidades da mesma mulher que a sucederão, por assim dizer. Todo o primeiro capítulo, que só tem três páginas, é centrado na apresentação de Jyoti e já introduz a primeira referência aos temas místicos da reencarnação e da previsão do futuro através da astrologia: "Há muitas vidas atrás, debaixo de um pé de figueira-da-índia, no vilarejo de Hasnapur, um astrólogo direcionou seus ouvidos - a sua antena parabólica - para as estrelas e previu a minha viuvez e o meu exílio. Eu tinha apenas sete anos de idade(...)" (MUKHERJEE, 1991: p. 1). Da observação deste trecho, destaca-se, de imediato, que parece que o livro é sobre astrologia e reencarnação, impressão logo desfeita pelo tom sarcástico da comparação entre os ouvidos do astrólogo e uma antena parabólica. Também é perceptível um certo ar de conto de fadas, dada a referência a elementos mágicos e ao tom de "Era uma vez" com que o texto principia. Na verdade, o primeiro capítulo constitui um dos poucos momentos não pantanosos da narrativa, pois o narrador, de fato, começa a história pelo seu início. Entretanto, somente para sinalizar o que vem depois, nas quatro últimas linhas do capítulo, o narrador diz que está contando a história dezessete anos depois que tudo começou, de forma que somente então se percebe que o início do romance se dá através de um *flashback*, como se percebe na voz de Jane Ripplemeyer: "Eu tenho agora vinte e quatro anos.(...) Eu moro em Baden, no Condado de Elsa, no estado de Iowa, (...) Eu sei aquilo em que eu não quero me transformar" (MUKHERJEE, 1991: p. 3).

A partir daí, os capítulos seguintes desviarão o foco narrativo para as outras "encarnações" de Jyoti, a qual somente terá sua infância e vida familiar dissecadas e mencionadas nos capítulos 6, 7, 8, 9, 10 e 11, antes que ela se case pela primeira vez com Prakash e seja por ele

rebatizada de Jasmine. São narradas passagens impressionantes da trajetória de Jasmine, enquanto Jyoti, nos capítulos supramencionados, que vão determinar a sua constante transformação em busca de identidade.

Prakash era um amigo dos seus irmãos e ela permanecia sempre no seu quarto quando das visitas de Prakash a sua casa, o que fez com que se apaixonasse pela voz dele. Quando se viram, nasceu o afeto e o amor que os uniu até a morte dele, vítima da explosão de uma bomba num atentado terrorista em uma loja. Prakash sempre fora um marido que não a tratava com a violência e a submissão que os maridos indianos tradicionalmente dispensam às suas esposas. Ao invés disso, ele a incentivava a ser independente e a olhar para o futuro. Ele também pretendia emigrar para a América, e para isso economizava dinheiro do seu emprego como eletrotécnico. Tinham, também, a idéia de abrir uma firma em sociedade - "Vijh & Wife".

Quando da morte de Prakash, Jasmine volta a ser Jyoti, por algum tempo, até que tem um quase devaneio, em que visualiza seu finado marido, no canto do quarto de viúva que divide com sua mãe, dizendo-lhe o seguinte:

Pense Vijh & Wife! Prakash exortava-me de todos os cantos do nosso sombrio e pesaroso quarto. Não existe nenhuma morte, o que existe é somente uma ascensão ou uma descida, um movimento para outros planos da existência. Não se deixe arrastar para Hasnapur e o feudalismo de lá. Aquela Jyoti está morta. (MUKHERJEE, 1991: p. 87.)

Na passagem em referência, fica clara a utilização da idéia de reencarnação para justificar os movimentos da personagem. O mesmo ocorre, com outra passagem, algumas linhas depois desta última, em que fica patente a situação de desprestígio social e quase proscricão que são reservados para a mulher viúva, quando Jane Ripplemeyer se refere à sua própria situação do passado, como Jyoti, a viúva de Prakash, e à sua mãe, que também se tornara viúva:

Exceto pelas visitas dos meus irmãos nos fins de semana, Mataji e eu vivíamos sozinhas naquela cabana de viúvas, em condições somente um pouco melhores do que as dos Mazbis e dos Intocáveis. Minhas amigas jovens, como a Vimla, nunca nos visitavam. A inexplicável e aparentemente imerecida má sorte seria contagiosa. Vimla não queria que a sua imaculada e jovem existência fosse de alguma forma conspurcada. "Um touro e uma bomba fizeram as duas viúvas, mãe e

filha! Como elas devem ter pecado para merecer sofrer tanto assim agora!" (MUKHERJEE, 1991: p. 87.)

Nesta passagem, ilustra-se o status negativo que as viúvas tinham na Índia, agravado pela situação da exclusão social, mormente quando se tem em mente que, naquele país, quando o corpo do marido morto estava sendo cremado, não raras vezes muitas viúvas se atiravam na fogueira para arder junto com os maridos, sendo tal ação considerada relativamente normal, não justificando que as pessoas em redor esboçassem grandes tentativas de impedir o suicídio da viúva.

Jyoti, então, movida por esse sentimento de nulidade diante da morte do marido, mesmo nutrindo sentimentos confusos, resolve sair de Hasnapur e embarcar em um tortuoso e longo périplo até desembarcar os seus passageiros clandestinos em terras americanas. Na verdade, o plano de Jyoti/Jasmine é pegar todos os pertences de Prakash, chegar ao campus da universidade americana em que ele intencionava estudar e fazer dos tais pertences - aos quais ela confere um tom sagrado - uma grande fogueira em homenagem ao marido morto, e nela se atirar, cumprindo a tradição milenar do seu país para as mulheres viúvas. Entretanto, o que ela ignora é que ela já é muito mais Jasmine do que Jyoti e que as artimanhas que o destino lhe reserva trarão, em breve, a morte não só de Jyoti, mas também de Jasmine, sem que nenhuma fogueira venha realmente a ser acesa.

Os capítulos 12, 13 e 14 dão conta dos episódios envolvendo a fase híbrida entre as existências de Jyoti e Jasmine. Quanto ao deslocamento de Jyoti/Jasmine para a América, ilustrando as inúmeras diásporas de indivíduos e povos pelo mundo afora, em busca de terra, nome, identidade e melhores condições de vida, existe uma passagem bastante tocante que abre o capítulo 15, que ilustra tal situação com maestria:

Existem linhas aéreas nacionais voando pelo mundo que não figuram em qualquer lista ou catálogo oficial. Existem certos vãos fretados que perderam seus rumos e agora simplesmente voam, improvisando suas tripulações e destinos. Em tais vãos não se serve comida nem bebida. Sua tripulação freqüentemente parece explorada. Existe um mundo nas sombras aéreas que permanentemente divide as rotas aéreas e as freqüências de rádio com a Pan Am, a British Air e a Air-India, embarcando pessoas que coexistem com turistas e homens de negócios. Mas nós somos refugiados, mercenários e trabalhadores convidados. Pode-

mos ser vistos dormindo em saguões de aeroportos; desembulhando o que sobrou das nossas comidas nativas; estendendo os nossos tapetes para ajoelharmos e rezarmos; lendo os nossos livros sagrados; abrindo, pela centésima vez, um telegrama prometendo um emprego ou simplesmente um canto para dormir; folheando um jornal em nossa língua; olhando uma foto de tempos mais felizes; segurando um passaporte, um visto (...) (MUKHERJEE, 1991: p. 90.)

Dando continuidade à sua trajetória, Jasmine embarca no navio do Capitão Half-Face, até o seu destino final, nas costas da Flórida. Em lá chegando, Jasmine se vê obrigada a aceitar a “generosa” proteção de Half-Face, que se oferece para guiá-la e protegê-la, nas suas primeiras horas em solo americano como clandestina. Half-Face a leva para pernoitar em um motel de beira de estrada e, alegando protegê-la, Half-Face propõe que durmam no mesmo quarto. Contudo, as verdadeiras intenções de Half-Face são sórdidas, porque o que tem em mente é roubá-la e estuprá-la. Seguem-se momentos tensos e trágicos: Half-Face viola sua bagagem e toca nos pertences sagrados de Prakash. Quando ela explica do que se trata e pede que ele não prossiga, há o primeiro choque cultural de Jasmine. Ao perceber que todos aqueles rituais para Prakash e sua conseqüente morte numa fogueira no campus da universidade são tidos como insanidade na visão pragmática de Half-Face. Jasmine, então, entende a nulidade dos seus propósitos. Segue-se a inevitável violação sexual, apesar dos protestos e súplicas de Jasmine. Porém, após o primeiro estupro, Half-Face descansa e a manda lavar-se, no banheiro, onde Jasmine pensa em se suicidar. Nesse instante, o anterior desejo de se matar transforma-se em algo inusitado. Ela deixa de ser Jasmine, por alguns momentos, passando a ser Káli, a deusa hindu da morte e da vingança. Usando uma faca que estava misturada aos seus pertences, Káli/Jasmine biparte a própria língua, enchendo a boca de sangue. Ela, então, retorna ao quarto e parte para a garganta de Half-Face, desferindo-lhe um golpe mortal. Nesse momento, ela também mata, definitivamente, Jasmine, pois, de imediato, ela reconhece que não há mais razão para morrer, pois tudo parece ter perdido o sentido. Tem início, então, a sua nova existência na América, com outros nomes.

Como que levada pelo destino, ela acaba à porta de Lilian Gordon, uma delicada senhora quaker, que tem por hábito ajudar imigrantes ilegais e chega até a ser presa por isso. Lilian lhe dá o nome de Jazzy, ensina-lhe a se trajar como uma americana e fica com ela por algum

tempo, conforme narrado no capítulo 18, até que a encaminha para Nova Iorque, para ser a babá da filha adotiva de Wylie Hayes e Taylor, ambos os quais a tratam como um verdadeiro ser humano. O leitor atento infere, aos poucos, que essa nova existência, em que Taylor e Wylie passam a chamá-la de Jase, parece ser a que mais dá prazer à protagonista, talvez mais ainda do que a sua existência como Jasmine, a esposa de Prakash. Jase chega a se apaixonar pelo patrão, que é abandonado pela esposa, e ela vê condições de ser correspondida. Porém, o destino ainda lhe reserva mais mudanças. Certo dia, ao passear em um parque com Taylor e sua filha Duff, Jase reconhece o terrorista que lançara a bomba que matou Prakash, na Índia. O homem estava disfarçado de pipoqueiro e parece tê-la reconhecido. A reação de Jase é de pavor, que a faz abandonar Taylor e Duff e rumar para uma pequena cidade em Iowa, onde ela conhece o banqueiro Bud Ripplemeyer, que se apaixona por ela à primeira vista, e com quem passa a viver maritalmente. Tem início, então a sua existência como Jane Ripplemeyer.

Os episódios envolvendo essa sua nova existência são descritos nos capítulos 2, 3, 4, 5, 17, 20, 24, 25, 26 e parte do capítulo 18. Jane Ripplemeyer é a personalidade que controla a narrativa e, por vezes, impregna algumas passagens da narrativa de certa dose de distanciamento, como ocorre no capítulo 7, quando a família de Jyoti discute a sua decisão de querer ser médica – algo impensável para uma mulher hindu –, o que causa uma celeuma familiar, onde o narrador (Jane) refere-se à sua mãe (Mitaji), ao seu pai (Pitaji) e à sua avó paterna (Dida), pelos seus nomes diretamente, como se eles não fossem seus parentes, ou o fossem de Jyoti, e não dela mesma, Jane Ripplemeyer.

A relação de Bud e Jane é tranqüila e afetuosa, porém ele parece o tempo todo mais seguro dos seus sentimentos do que a já arredia e desconfiada Jane, que, embora grávida de Bud, recusa-se a casar legalmente com ele. Parte do seu desconforto se deve também ao fato de que ela pensa trazer azar aos homens que com ela se casam, pois Bud é vítima de um tiro que o deixa numa cadeira de rodas, após passar a viver com ela.

É, no entanto, quando da narração dos episódios envolvendo Jane Ripplemeyer que Bharati Mukherjee utiliza um dos momentos de mais refinada ironia do romance. Isto se dá no capítulo 18, quando Jane se encontra com a dra. Mary Webber, uma americana que acredita em experiências-fora-do-corpo, viagens astrais e reencarnação. A principal ra-

zão do entusiasmo de Webber é que ela pensa que só porque Jane Ripplemeyer nasceu na Índia, ela tem que comungar das mesmas crenças dela. A ironia se torna perceptível quando ela responde à Webber sobre se acredita ou não em reencarnação: “Sim”, eu respondo, “eu, de fato, acredito em você. Nós estamos constantemente a revisitar o mundo. Eu também já viajei no tempo e no espaço. Isso é possível.” (MUKHERJEE, 1991, p. 113.) É no parágrafo seguinte, ela completa:

Jyoti de Hasnapur não era a Jasmine, nem a babá de Duff, nem a *au pair* de Taylor e Willie em Manhattan; *aquela* Jasmine não é esta Jane Ripplemeyer almoçando com Mary Webber no clube da universidade hoje. E qual de nós é a assassina inconfessa do monstro Half-Face, qual de nós segurou um marido moribundo, qual de nós foi estuprada, estuprada e estuprada, em barcos, em carros e em motéis? (MULHERJEE, 1991: 114.)

Para o leitor, se torna claro que as alusões de Jane são todas referentes à sua profusão de identidades, e não referentes à reencarnação propriamente dita. No entanto, muitas vezes, Jane claramente se refere a elementos da religião hindu, como quando admite ter “encarnado” a deusa hindu da morte, Káli, ao matar Half-Face. Ela chega a afirmar ter sido uma mulher diferente para cada um dos homens que ela teve: nascida Jyoti, ela se torna Jasmine, para Prakash; Jase, para Taylor; Jane, para Bud; e Káli, para Half-Face. Em outra oportunidade, no capítulo 2, ela afirma: “Nos nossos três anos e meio de vida em comum, eu dei a Bud uma nova trilogia para sua contemplação: Brahma, Vishnu, e Shiva.” (MUKHERJEE, 1991: p. 6). Essa referência à trilogia Trimurti do panteão hindu pode parecer não proposital, mas um exame mais detido da função desses deuses permite associações com aspectos das personalidades de Jasmine, como se ela por vezes “encarnasse” algumas das características dessas divindades. O fato de que a própria Jane diz “ter sido”, ainda que momentaneamente, a deusa Káli empresta um pouco de verossimilhança a essa hipótese.

A respeito dessas principais divindades, Victor Civita (CIVITA, 1977, p. 1238-1239) nos diz que Brahma é a divindade que detém o princípio de criação de todas as coisas do universo; Vishnu é a divindade do amor, da misericórdia, da fé, e que de tempos em tempos se manifesta em encarnações terrenas, em forma de avatar, quando se faz necessário preservar o equilíbrio espiritual na terra. Rama e Krishna são suas

mais famosas encarnações. Quando os primeiros missionários cristãos chegaram à Índia, se surpreenderam ao perceber que os indianos amistosamente reconheceram em Cristo mais um avatar de Vishnu. Ainda segundo Civita, Shiva, o terceiro componente da trilogia sagrada, detém simultaneamente o mesmo poder para a criação e a destruição, sendo também o deus da fertilidade. Shiva determina mudanças bruscas para melhor ou para pior, e é comumente representado como um ser híbrido, metade homem, metade mulher, e possuindo muitas cabeças. Segundo as concepções do Bramanismo, a vida é uma constante mudança, uma eterna transformação inteiramente comandada por Shiva.

Isto posto, podemos pinçar vários episódios narrativos em que associações com as funções desses deuses podem ser feitas. Pode-se dizer, por exemplo, que Prakash é associado a Brahma e confere a Jasmine esse mesmo poder de criação, quando ela diz, após a morte dele: “Depois, eu pensei, nós *tínhamos criado* vida. Prakash pegou Jyoti e criou Jasmine, e Jasmine completaria a missão de Prakash. Vijn & Wife. Uma visão tinha se formado.” (MUKHERJEE, 1991, p. 88.) Em outro momento, Jane admite que a bondade de Prakash e Lilian Gordon era de natureza divina, possibilitando uma associação deles com Vishnu. Na verdade, a própria Jane parece encarnar Vishnu quando se desvela em atenção, paciência e amor ao ter que se sacrificar, quase que sobre-humanamente, para continuar a manter relações sexuais com Bud, após ele ter-se tornado paraplégico. Por fim, as próprias mudanças bruscas que as muitas vidas de Jasmine sofrem parecem ser o efeito dos movimentos de Shiva. Implicitamente, Jane chega a deixar no ar que talvez ela também encarne o próprio Shiva, por vezes, dadas as mudanças trágicas nas vidas de alguns dos homens que a amaram: Prakash e Bud, por exemplo.

Por fim, para deixar patente a dificuldade de enquadrar uma obra tão complexa quanto *Jasmine* até mesmo nas idéias de teóricos do pós-colonialismo, citamos algumas palavras de Homi Bhabha, sobre a influência do livro inglês na mentalidade do colonizado:

Há um aspecto no cenário cultural do colonialismo britânico que se repete incessantemente depois do início do século XIX - e através dessa repetição, *inaugura* de um modo triunfal a literatura do império - que eu me vejo tentado a repeti-lo mais uma vez. Trata-se do cenário que se delinea nas selvagens e vastas paragens iletradas dos confins coloniais da Índia, África e do Caribe, a partir do repentino e fortuito descobri-

mento do livro inglês. Este fato é, como todos os outros mitos de origem, memorável pelo seu equilíbrio entre epifania e enunciação. (BHABHA, 1991, p. 29.)

Com isso, Bhabha quer dar conta da total submissão do colonizado inculco e desprovido de palavra. Todavia, Jasmine refere-se a *Jane Eyre*, *Great Expectations* e *Alice in Wonderland*, de forma pejorativa, como livros que lhe causam pesadelos e desprazer, ao invés do deslumbramento extático, como defende Bhabha. Jane diz preferir as obras da poeta e crítica americana Adrienne Rich, e a razão disso pode ser inferida pela leitura da epígrafe deste artigo. Desse modo, a não aplicação de uma idéia de Bhabha a *Jasmine* nos remete a episódio semelhante se as seguintes palavras de Gayatri Spivak forem consideradas:

A questão não é a participação da mulher em insurreições, ou as regras básicas da divisão sexual do trabalho, uma vez que existe "evidência" de ambas as situações. A questão é, de fato, que, tanto como objeto da historiografia colonial quanto como sujeito de insurreição, a construção ideológica de gênero mantém o homem na posição de dominante. Se, no contexto da produção colonial, o subalterno não tem história e não tem voz, quando a mulher é subalterna, ela está ainda mais profundamente mergulhada nas sombras (...) (SPIVAK, 1997: p.28.)

Como se vê, Jasmine e suas muitas vidas também desmentem a universalidade dessa idéia de Spivak. Entretanto, não se pretende aqui desautorizar vozes tão respeitadas como as de Bhabha e Spivak. Mas, antes de tudo, cabe exaltar a grandiosidade do romance de Bharati Mukherjee, que retrata, literariamente, e de uma forma tão magistral, um contundente processo de construção de imagem e formação de identidade do sujeito pós-colonial feminino, híbrido e sobrevivente nos domínios da metrópole.

Jane Ripplemeyer, por fim, após passar por bons e maus momentos com Bud, decide abandoná-lo e seguir sua jornada. Curiosa e enigmática se torna a atitude de Jane, uma vez que é como se ela deixasse de ser (ou estar influenciada por) Vishnu e passasse a obedecer (ou ser) Shiva. Ela parece, então, esboçar um retorno à sua melhor vida (Jase), já que segue Taylor e Duff, que vêm procurar, no Condado de Elsa, em Iowa, uma mulher fenomenal que parece estar a um passo de definir a sua identidade.

É possível mais de uma interpretação dessa migração de Jane Ripplemeyer para uma outra existência. Já que o livro fornece evidências suficientes de que a sua existência como Jase foi-lhe altamente agradável, além da narração de que Jase havia "de algum modo especial e inconfesso" se apaixonado por Taylor, é possível inferir que Jane Ripplemeyer possa estar voltando com Taylor, não para ser a babá de Duff, mas sim sua mulher. Além disso, é digno de nota que a generosidade de Taylor de certa forma o faz "encarnar" a figura do finado Prakash, o primeiro e generoso marido de Jane (então Jyoti/Jasmine), constituindo tal fato mais uma razão a endossar a hipótese de que Jane Ripplemeyer possa estar simplesmente retornando (e se fixando) na sua existência como Jase, definindo, então, sua identidade mutante. Entretanto, a questão não é tão trivial quanto parece, uma vez que as palavras derradeiras de Jane Ripplemeyer no capítulo final parecem estar imbuídas de ansiedade, angústia e uma grande expectativa em relação ao futuro. Tudo isso é ocasionado pela compulsão das suas eternas "reencarnações", como transparece na seguinte transcrição do último parágrafo do livro:

Então não há nada que eu possa fazer. O tempo dirá se eu sou um tornado, que reduz a escombros tudo o que encontra, aparecendo não-se sabe-de-onde e esvanecendo numa nuvem. Eu estou fora da casa, no caminho esburacado e ferido pelas rodas dos carros, intrepidamente seguindo na frente de Taylor, ávida de desejos e repleta de esperanças. (MUKHERJEE, 1991: p. 214.)

Seja como for, a questão de atingir ou não uma identidade definida permanece em aberto. Ficam patentes, entretanto, a pujança e a força dessa mulher, enquanto sujeito pós-colonial feminino, o que reafirma a noção de que ela mantém as rédeas do seu destino e não se submete irremediavelmente à influência do "outro dominador". Este fato ilustra a possibilidade de aquisição de voz e independência do sujeito pós-colonial (o *outro*, colonizado, subalterno), mesmo estando no território do dominador (o *outro*, colonizador, representante da metrópole), de acordo com as perspectivas pós-colonialistas. Tal noção é indubitavelmente exposta nesta última citação, na página final do livro, em que Bharati Mukherjee ressuscita a figura do astrólogo de Hasnapur (que aparecera no capítulo I, prevendo a viuvez de Jyoti e a fixação de seu destino nessa condição abominável perante os olhos da sociedade hindu) e desconstrói

a idéia de predestinação, sublinhando, em contrapartida, a idéia de aquisição de poder (pelo menos para “escrever nas estrelas” o seu destino):

Não é culpa o que eu sinto. É alívio. Eu começo a perceber que já parei de me ver como Jane. Aventura, risco, transformação: os limites das possibilidades estão de fora, prestes a arrombar as janelas frágeis e não calafetadas. “Observe-me reposicionando as estrelas do meu destino”, eu sussurro para o astrólogo que vejo flutuar de pernas cruzadas sobre o meu fogão”. (MUKHERJEE, 1991: p. 214.)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAYM, Nina *et al.*, eds. *The Norton Anthology of American Literature*. Vol. II. New York: Norton, 1994.
- BHABHA, Homi K. “Signs Taken for Wonders”. In: Bill ASHCROFT *et al.*, eds. *The Post-Colonial Studies Reader*. Londres: Routledge, 1991.
- CHATMAN, S. *Story and Discourse*. Ithaca: Cornell UP, 1978.
- CIVITA, Victor. *Novo Conhecer*. São Paulo: Abril Cultural, 1977.
- MUKHERJEE, Bharati. *Jasmine*. Nova Iorque: Fawcett Books, 1991.
- RIMMON-KENAN, S. *Narrative Fiction*. Londres: Methuen, 1983.
- SPIVAK, G. Chakravorty. “Can the Subaltern Speak?” In: Bill ASHCROFT *et al.*, eds., *The Postcolonial Studies Reader*. Londres: Routledge, 1991.